

---

---

# POLITICA



1 9 3 0

---

---

ANO II

N.º 16

REDACTORES { *Antonio Maria do Amaral Pyrrait* (F. D. U. L.)  
                  { *F. P. d'Almeida Langhans*

EDITOR — *Nicolau Monteiro* F. D. U. L.

PROPRIEDADE — SOCIEDADE NACIONAL EDITORA, LTD.<sup>a</sup> (Em organização)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua do Sol a Santa Catarina, 40-A, 1.º

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tipografia Lusitania — 40, Rua do Sol a Santa Catarina, 40-B — LISBOA

## SUMARIO

Junta Central. . . . .	<i>Centeno CASTANHO</i>
Democracia e Miséria . . . . .	<i>Antonio de SOUSA REGO</i>
do que nos une . . . . .	<i>Dutra FARIA</i>
Democracia e o operario . . . . .	<i>Antonio Maria do AMARAL PYR- RAIT</i>
de letras — «Cartas em verso» . . . . .	<i>Franz-Paul LANGHANS</i>
Integralismo Lusitano . . . . .	

## ASSINATURAS

(Cada serie de 10 numeros)

Continente e ilhas . . . . .	10\$00
Provincias Ultramarinas . . . . .	15\$00
Estrangeiro. . . . .	20\$00

Numero avulso 1\$50

**Arthur de Campos Figueira**

Advogado

Rua Nova do Almada, 54, 2.º

TELEFONE CENTRAL 3024

Lisboa

**José Guilherme Ayala Monteiro**

Advogado

Rua dos Douradores, 72, 3.º D.

TELEFONE C. 959

**Ferreira Cardoso**

Advogado

RUA GARRET, 95, 3.º — TELEFONE T. 11

— LISBOA —

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

# Política

REVISTA QUINZENAL

ORGÃO DAS JUNTAS ESCOLARES DE LISBOA, COIMBRA E PORTO  
DO INTEGRALISMO LUSITANO

Director: J. CENTENO CASTANHO

---

Lisboa, 1 de Dezembro de 1930

---

## A JUNTA CENTRAL

**Q**UANDO, em 1908 essa grande figura de Chefe que foi o Senhor. Rei D. Carlos caiu varado pelas balas assassinas do maçonismo quasi poderíamos dizer que morreu com elle o último monárquico da Monárquia.

A sua morte se alguém a sentiu então, só os humildes que os acasos da sua vida de Chefe elle permitiu tratar — saudada como foi por alguns dos que tinham o indeclinável dever de o servir lealmente e apenas rancorosamente o difamavam; aceite por quasi todos com o fatalismo resignado das «coisas que tem de sêr» no desnorteamento desconcertante de absurdas ideologias metafísicas.

O silêncio recolhido do franquismo *ficou*; mas méro protesto platónico, embora altivo, á morte do homem que julgavam servi-los verdadeiramente na incompreensão das altas determinantes da attitude real, sacrificando como continuaram aos tórpes mitos contra as quais a sua vontade colectiva se erguera forte, nos factos, ao lado de El-Rei.

O que depois se seguiu todos o sabemos. A grande massa ordeira da Nação de há muito divorciada dos homens do regimen, cuja hipocrisia e mentalidade balôfa lhe repugnava, por instintiva repulsa incapaz, de se aproximar dos lunaticos da propaganda, jazia na mais «apagada e vil tristeza».

E a República parlamentar foi assim possível, não porque tivesse republicanos, mas por não haver monarchicos. Se se pudesse comparar os registos do então partido republicano português, com a multidão das adesões após a «aurora redentora»!

Bastará lembrar que quasi todos os grandes marechais dos partidos republicanos, desde o actual Gr. M. Norton de Matos, aos cómicos doutrinadôres da *velha* República Nova como o sr.-António Sergio, se já então não eram monarchicos, só muito mais tarde passaram a republicanos... históricos.

## POLITICA

Os heróis do dia 5 bateram-se assim contra Ninguém; a sua glorificação da triste e cómica cobardia geral, que nem sequer encontrou o protesto viril de quem então detinha o sceptro nobilíssimo dos Reis de Portugal, porventura ninguém lhe tendo dito que «a liberdade real só se perde com a morte» e, por singular anomalia, não sabendo ou não querendo os seus 20 anos adivinhar que «sêr Príncipe é assentar praça ao nascêr» na definição lapidária dum grande português.

O próprio protesto dessa altiva figura que é Paiva Couceiro, foi menor obediência a conscientes e profundas razões ideológicas, que fidelidade á honra própria, que não sabia dignamente esquecer a fé jurada. E na *débacle* tremenda em que tudo sossobrava, não podia deixar de dar-se o que se deu. E assim a República parlamentar tendo começado por sêr de «garótos», na prespicacia amarga de Antero, havia fatalmente de transformar-se na «balburdia sanguinolenta» que a acuidade de Eça adivinhou e a que a espada de Gomes da Costa pôs termo.

Claro que havia, como ainda há repúblicanos sinceros por errada mística: nas últimas camadas sociais, especialmente da Capital, á mistura com a vaga enorme dos *souteneurs* da desordem.

Aos primórdios de 910, por sôbre o *mare magnum* dos apetites desenfriados, por sôbre a crise de carácter, abastardado por quasi um século de eleições, alastrava a mais pavorosa desorientação mental.

Os sinceros que faziam então os últimos bancos escolares, sofrendo a própria anarquia mental do tempo, viviam o drama angustioso de Fradique.

Um dêles o confessa! «*Diante dêste campo de rúinas, no meio da confusão de numerosos sistemas que na desconsulada reflexão de Zé Fernandes, amigo de Jacinto, todas se contradiziam, findou o século XIX, e o século XX começou, sem que uma directriz firme alumiando o caminho daquelas inteligências que mais inquietamente buscavam responder á própria ansiedade, procurando solução para as dificuldades e problemas nacionais*».

Foi por sôbre a tristeza dêssa hora que alguns raros, vencido o secticismo ancestral de Fradique Mendes, vieram, num grito altivo de rebeldia e protesto, cantar a Esperança dá Patria imortal, confessar, perante o espanto cómico duns e o sarcasmo insultuoso de todos, as leis eternas do Sangue e dá Terra.

Ramalho ainda teve a alegria de saudar «a nova geração de gentes» que subia «para a vida e para a luta sôb a benção larga dá Esperança».

\* \* \*

Louvado sêja Deus!  
Como é já longo o caminho que de então para cá se tem andado!

E quem haverá que o negue? Tudo se deve a esse grupo formidável que, na solidariedade dos vivos e dos mortos, constituiu e constitui a Junta Central.

Se hoje é forte de largas promessas o ambiente nacional; se dia a dia se vem tornando mais nitido e imperativo aquêlê ancelo renovadôr dum, ainda há pouco «pensamento indefenido», que em Oliveira Martins éra apênas grito instintivo contra o negrume do seu próprio pessimismo, a êles e só a êles se deve — aos mortos como aos vivos! —

Quási sosinhos — porque esquecê-lo? — êles derrubaram os idolos e mitos grosseiramente bárbaros que se estadiavam impudicamente na praça pública e obscureciam o pensamento nacional!

Eles nos reconciliaram com os nossos mortos, com êssas 80 camadas de óssos que são o alicerce impericível da Pátria!

Por êles, nós os novos, não sofremos a angustia de Fradique, o desalento de Herculano, o pessimismo doloroso de Oliveira Martins ou o desespero de Antero!

Por êles a Cruz voltou aos templos dos Avós, como o patriotismo voltou ás almas!

Por êles a bandeira sagrada da Esperança foi desfraldada há 16 anos e ainda continúa, dignamente, onde se hasteou ao começar «a aspera batalha, peito a peito, contra a barbara multidão dos escravos da Liberdade»!

Ali, no reduto primitivo, éla se tem mantido erguida como um protesto altivo contra a ingratição das nossas pequenas desavenças e do nosso abandono.

Caminho, aquêlê caminho que nos levará ao cumprimento do nosso destino histórico e por êle á Verdade e á Vida!

E no entanto quantos, porventura por sincero desnorreamento, têm querido derrubar êsse reduto da nossa Esperança, procurando atirar os mortos contra os vivos, os vivos contra os próprios vivos!

Baldado intento! As pedras que o formam nada as poderá separar! O cimento que as liga foi amassado com muita dôr vivida e sentida em comum, com muito sacrificio e até com sangue vertido nos mesmos combates em testemunho da verdade!

Eles complectam-se, são um todo harmónico, são a pedra sem a qual nada seria do que já é, nada será do que *há de sêr*!

Se mais nada fizessem, e quem sem êles o poderá fazer? — se a morte os levasse a *meio da jornada*, numa nobre confissão de há pouco, já nos *deixavam um testamento de Esperança*!

A bandeira sangrada que nos congrega, lá continúa firme, erguida intrepidamente ao *Sol que vai nascêr* em promessa de benções de páz e de abundância, sobre *todos* os lares das terras sagradas de Portugal.

A gratidão e o patriotismo claro, impoem-nos que lhes digamos — bem hajam! — formando mais estreitamente em volta dêles,

preparando-nos para na Hora própria, «que há de vir, que virá, tão certo como o Sól de Deus»; *sairmos pela noite funda ao encontro da madrugada.*

Centeno CASTANHO

---

---

## A REPUBLICA É INSTRUMENTO DE RUINA

*Não pode a Republica favorecer o progresso?*

— Não; sua constituição não lho permite.

*Como assim?*

— A eleição é, um principio essencialmente reaccionario ou, melhor, regressivo, porque é o recomeço perpétuo. Ora é escusado demonstrar que o progresso effectivo não se obterá nunca por essa forma.

*A Republica, então, nada pode fundar de duradouro!*

— Não; seu defeito essencial está na instabilidade. Os poderes públicos, na republica, são efémeros: presidente, ministros, senadores, deputados, ninguem está seguro quanto ao dia seguinte: um capricho eleitoral os derruba. Daí, que succede? O ministro da guerra empreende uma reforma; seis meses ou um ano depois, é substituido por outro, que revoga o seu acto, dá-se o mesmo na Marinha, na Indústria, na Justiça e em todos os serviços importantes do Estado.

Instrumento de destruição, a Republica tudo pode demolir, mas nada edificar.

*Então o sistema republicano é incompativel com o desenvolvimento de um país?*

— Decerto: êle conduz o país à ruina. Birmarek não o ignorava, e na sua correspondência com o Conde de Armim, em 1872 e 1873, expôs os motivos que o faziam desejar o restabelecimento da Republica em França.

*Convem — dizia êle, — que a França fique isolada e fraca e, para isso, é preciso impedir ali a monarquia, suprimir a dinastia e auxiliar o estabelecimento da republica e do parlamentarismo, e então não teremos que receá-la mais.»*

Conto de MAGALHÃES

(De *Patria Nova* — órgão do Centro Monarquista de Cultura Social e Política — R. Catarina Cortez, 55, cidade de S. Paulo — Brasil).

# DEMOCRACIA E MISÉRIA

**D**AS minas de Aljustrel foram despedidos quinhentos trabalhadores. Coincide este facto com a baixa de cotação do coque, baixa tremenda de quasi meio por um registada nos mercados por meados do ano corrente.

As explorações cupriferas da península S. Domingos, Aljustrel, Rio Tinto e Peñarroya pertencem a empresas estrangeiras, judeo-norticas, creio que reunidas em *trust*.

Das atribuições da finança proprietária, metéque e marrana curo muito pouco, posto que estou certo, terá em prosperos dias forrado o capital e vários tanos. O que me doe, o que entendo requerer pronto remédio é a misera condição para que, o inlavor forçado nesta quadra do ano, atira aquella pobre gente alentejana.

Vivem os tristes fêria a fêria, semana a semana. Não dão os salários, por mesquinhos, veso a que se arrecade coisa alguma ao canto da gaveta e tirar-lhes a tarefa, agora, ao principio do inverno, pouco menos é que matá-los à mingua. Exactamente isso, decidiram os estrangeiros, mandantes da mina. E não há que querer-lhes mal. A culpa não é deles. Para aligeirar os *stockes*, em face da estagnação de vendas, resolveram limitar a extracção do minério. E' o que a prudência aconselha. Limitar a extracção é limitar o dispêndio de mão de obra, cortar nos salários. O operário precisa de fêria? E' o pão deles e dos filhos? Quem quizer que lhes acuda! Não é êsse o papel da empresa. Outra é sua função. Dar dividendos! Isto é boa economia liberal, santa moral laica e democrática.

A empresa utiliza o operário e enquanto precisa dele paga-lhe. Pelo mesmo motivo sustenta a besta que o serve. Dá ração em dinheiro ao homem. Em grão a alimaria. Quando não há que fazer, vai o trabalhador para a rua e a azémola para a estrebaria. Fica a besta de ganho. Meiam-lhe a ração mas não a deixam rebentar de fome. Representa um certo capital, um valor de que é preciso cuidar, para que se não perca. O homem não! Em tempo de marasmo não vale o que come. Se morrer choram-no os seus. A empresa em voltando a necessitar de braços, arranja outro. Nada há que una o capital ao trabalho, a empresa ao operário.

Daí um estado de guerra latente, sonsa, mansinha. Foi no que deu a economia demo-liberal, por individualista e desarticulada. O ope-

## POLITICA

rário mandria o mais que pode. A administração arrasta-lhe a fêria. Há dolo no esforço, roubo na paga.

Por vezes federam-se as empresas, unem-se os trabalhadores. E' o cartel e é o sindicato. O sindicato é quasi sempre inútil. Promove as grêves. Formula reclamações. Ora grêves só se vencem quando há carência de trabalhadores. Reclamações só são atendidas quando acompanhadas de pressão.

Nem num, nem noutro caso, o sindicato faz grande falta. Na primeira uma reunião dos interessados basta. Para estourar uma fábrica a dinamite chega um homem.

A corporação antiga era outra coisa. Primeiro que tudo era um valor económico. A quota parte dum mesteiral na sua hermandade de officio, valia dinheiro. Hoje em dia os bens de todos os sindicatos operários nacionais não dariam espórtula decente para mandar cantar um cego.

No caso presente o que faz o sindicato dos mineiros de Aljustrel? Nada! Socorrer os camaradas despedidos não pode porque não tem com quê. Forçar a empresa a readmeti-los não tenta porque não tem meio. Como se comportaria a corporação, adoptada ao nosso tempo, ajustada à maior complexidade da vida moderna. Muito doutra maneira. União íntima dos elementos componentes de cada indústria, capital, técnica e mão d'obra, enfeixados num todo, não dispersos e inimigos, guardaria em épocas de maior ganho, reservas que bastassem nos dias de quebra. Atribuiria ao capital, à técnica, ao trabalhador, o dividendo, o soldo, o salário que, na lei de Deus e no amor do próximo lhe fôsse devido. E em fartos tempos como em dias de provação, a todos caberia quinhão honrado, em função de merecimento de cada um. Condicionaria a repartição dos proventos, tendo em vista inclemências futuras sempre possíveis. Assim se constituiria prontamente o património corporativo bem comum de todos os participantes na actividade industrial.

Nas condições actuais, não vemos como acudir-lhes. Nem do sindicato nem da empresa lhes virá alívio. Qualquer esforço dos governantes terá do ser, de efeito contingente e passageiro.

A solução verdadeira, a solução que se impõe neste passo pungente, não pode vir já, levará seu tempo, seguir-se-há ao abater do edificio exercendo do liberalismo económico, irmão gêmeo do outro, do político e tão malfazejo como êle. E ao restaurar da sinarquia portuguesa, porpor-se-há na officina e no campo, a ordem nova — a velha ordem perdida e esquecida — a Ordem Nacional e Real.

*António de SOUZA REGO*

# do que nos une . . .

**S**EGUNDO dizem os sindicalistas, entre nós e eles nada ha que una.

Tudo nos separa, nos afasta uns dos outros. Exageram porém Quer o façam involuntariamente, pela sua ignorância quanto às ideias que professamos, aos métodos que seguimos, aos fins que temos em vista, quer o façam voluntariamente, propositadamente, a verdade é que exageram. Alguma coisa há realmente que uns aos outros nos une — ou pelo menos nos aproxima.

Pretendem eles obter para os trabalhadores o máximo de garantias e o mínimo de servidões.

Não igualmente o pretendemos? Nós estamos portanto tam longe uns dos outros como as palavras dos sindicalistas o poderiam fazer supôr aos desprevenidos e aos ingênuos. Demais revoltam-se os sindicalistas contra a tirania do capital internacionalizado e judaizado? Pois bem! Nós tambem nos revoltamos. Lutam os sindicalistas contra uma civilização excessivamente material, em que a máquina escravisa o homem, o dinheiro subordina a vida, os numeros destronam a intelligencia? Pois bem! Nós tambem lutamos contra essa civilização descerebrada, mecânica, essa civilização que tem em Babbitt um simbolo eloquente, persuasivo — e terá no bolchevismo alargando-se amanhã por todo o mundo a consequencia inevitável, fatal, caso não reajamos, opondo á barbarie invasora as forças serenas e gloriosas do Sangue e do Espirito.

Até aqui, os sindicalistas não podem deixar de estar de acôrdo conôco. Mas julgam, ou procuram fazer julgar a quem os escuta e os lê, que nós queremos unica e simplesmente o regresso à Idade Média. Ainda se fosse à Idade Média tal como a viu um Fustel de Coulanges por exemplo, não teriamos motivo para grandes protestos Na Idade Média, tal como a viu um Fustel de Coulanges, tal como na realidade foi, só temos a aprender. O corporativismo nela attingiu notavel esplendor. O commercio não carecia extremamente de intermediários. Alem disto, para o que lavrava e semeava a terra, a permanência nesta estava assegurada. A terra podia ser vendida. O que a lavrava e a semeava nada tinha com isso, mantinha-se indifferente às tranquiernias dos poderosos, ninguem o podia expulsar dos campos onde labutava.

Então o homem era feliz, a vida simples e calma, a intelligência florescente e dominadora.

A Idade Media, para os sindicalistas, é todavia qualquer coisa de radicalmente oposto a tudo quanto acabamos de descrever. E' a Idade Media tenebrosa dos analfabetos dos comicios da democracia. E' a Idade Média dividida em senhores e em escravos!

## POLITICA

A esta Idade Media desejaríamos regressar, crêem ou procuram fazer crêr os sindicalistas.

Abstendo-nos doutros comentários, sempre sublinharemos que uma coisa é regressar e outra, muito outra, aproveitar as lições do passado para as aplicar ao presente. E isto sublinhado, passemos adiante!

O que nós, almejamos é que capital e trabalho estejam á mesma altura na balança, de modo que um jamais possa exercer sobre o outro pressão injusta. Consegue-se semelhante equilibrio adicionando á organização operária a organização patronal e criando assim a corporação, onde operários e patrões se sintam ligados pelas mesmas necessidades e pelos mesmos interesses. Uma vez conseguido o equilibrio, o capital e o trabalho gradualmente se iriam confundindo na medida do possível.

E ao passo que capital e trabalho gradualmente se iriam confundido, da sociedade pacificada e reorganizada iria surgindo a aristocracia nova — aristocracia aberta e natural, á qual os melhores ascenderiam aberta e naturalmente. Teríamos assim ao lado duma aristocracia de Sangue e duma aristocracia do Espirito uma aristocracia do Capital e do Trabalho reconciliados e dignificados.

Como sem custo se verifica, o que nós almejamos é francamente realisável. Temos a prová-le a experiência do passado.

Nisto, e apenas nisto diferimos dos sindicalistas — que almejam o irrealisável, leviana e quiméricamente arquitectando no futuro.

Cabe agora aos trabalhadores de Portugal escolher entre os labirintos do *irrealisável* e as avenidas largas do *realisável*. Que as palavras da má fé os não perturbem e que um dia, abatidas as superstições que os prejudicam e os dividem, êles sejam seguros esteios da Ordem Nova-a ordem libertadora e salvadora!

Dutra FARIA

---

### Um livro que todo o integralista deve lêr e divulgar:

L. de Poncins — Les Forces Secrètes de la Revolution (Fr.: M.: — Judaïsme) — Editions Bonard — 140, Bd. St — Germain - Paris

Pedidos a qualquer livraria ou á administração da «Politica» que o envia contra reembolso — Preço 20\$00.

### Uma revista que todo o integralista deve assinar

La Revue International des Sociétés Secrètes  
= 8 Avenue Portalis — Paris — VIII =

# A DEMOCRACIA E O OPERARIO

A democracia colocando a sociedade em função do individuo' viola a lei natural e portanto é necessariamente adversa ao interesse de todo o homem.

Nada haveria que justificasse uma excepção feita pelo operário a esta regra geral e antes pelo contrário a triste realidade nos confirma dia a dia, que apesar de ser aquele a quem a democracia mais promete, o operário é de todos os homens o que primeiro e mais dolorosamente lhe sofre as consequências.

O ódio á humanidade que nos antros do mal preparou durante séculos essa doutrina, inteligente e experimentado como é, bem sabe o poder admirável de destruição que caracteriza os ideais democráticos e a importancia da acção duplamente criminosa que êles são chamados a exercer junto dos ingénuos e mal precavidos trabalhadores.

Foi o vento da democracia, soprado de bem conhecidas cavernas, que em 1789 desencadeou a tempestade terrível da revolução francesa, que em furia destruidora destruiu num momento todas as instituições admiráveis do viver cristão, formadas em 18 séculos pela inspiração de Deus e pela experiencia dos homens.

Religião, monarquia, corporação, honra, dever, tudo desapareceu sem rasto, deixando apoz si a anarquia e a ruina. As instituições que então surgiram, anti-humanas e anti-naturais, pseudo-científicas, traçadas a regua e a compasso, são as que nós para aí vemos dizendo-se democráticas e que Coppin d'Albancelli definiu um dia: sociedades anónimas de exploração dos povos.

O operário de hoje (sem Deus, sem rei e sem familia), «o proletário» é uma criação, uma consequencia lógica da democracia.

A economia do Amor, substituiu-se a economia do dinheiro e isso foi o mesmo que substituir o homem-irmão, o mesteiral dos velhos tempos pelo operário dos nossos dias: sem direitos, sem poder para os impôr ainda que os tivera, agrupado em rebanhos, aos milhares, descontente, ignorante, embrutecido, instrumento cego de torpes objectivos, soldado da revolução necessário á democracia destruidora.

Capital e trabalho, plutocratas e proletários são as condições imprescindíveis da guerra social, os meios mais azados á ruína do mundo.

Depois de terem existido senhores e escravos, mas muito antes de surgirem plutocratas e proletários, observaram os homens a lei de Deus, e a historia, a verdadeira história é testemunho do feliz viver que dessa observancia resultou.

A familia era a realidade a considerar. Fonte da vida, expres-

## POLITICA

são da continuidade da raça, palpável no tempo, só ela com efeito, instituição da natureza, poderia como base arcar com o peso enorme do edifício social.

O homem, filho de Deus, era irmão dos outros homens. Não era um proletário, havia nêle alguma coisa mais, longe de ser um simples individuo era o membro de uma familia e esta, fosse qual fosse, tinha os seus pergaminhos, as suas tradições, a sua honra.

A situação económica de nada influa na consideração. Só a honra a justificava, assim como só a virtude justificava a honra. A pobreza ou a riqueza eram estados accidentais, situações de momento na vida quasi eterna da familia.

A lei, natural e humana, inspirada por Deus, protegia a familia, evitava a dispersão do seu património, fixando-a á terra, enraizando-a, educando-a no amor da pátria.

Os homens, amigos e irmãos, ajudavam-se mutuamente na vida, realizavam-se entre si contractos de trabalho que eram verdadeiros contractos de sociedade, uniam-se em corporações chamando-se uns aos outros pelo admirável da Caridade Cristã: irmãos e companheiros.

Não havia divisão entre patrões e operários.

A uns e a outros mostrava o mesmo ideal.

O trabalho não era uma luta, era uma colaboração. O sistema corporativo assegurava a melhor produção, tornando possível a justiça no salário e no trabalho.

Como chefes de familia e atravez das corporações profissionais tinham os operários desse tempo bom, interferencia na administração da sua freguesia e faziam-se representar na administração do município. Á frente dos operários, assegurando a maxima produção, velando pelos interesses superiores do trabalho, ligado por tradição secular á sorte da grey existia o Rei, da melhor familia real, a primeira das primeiras entre todas as familias da nação.

A paz de Deus reinava na sociedade: não existindo classes só a diversidade de funções, distinguia os homens uns dos outros e por diferentes que elas fossem todas tinham por fim o bem comum, eram impostas pelo dever e remuneradas pela honra.

Afastar o operário de Deus, cortar cerce as raizes tradicionais da familia e da terra, isolá-lo de toda a influencia do Direito e da Caridade Cristã, levá-lo aos conceitos pagãos da propriedade, do trabalho e do interesse, ignorante, fraco escravo dos caprichos do patrão, eis que os inventores da democracia, os verdadeiros inventores, desejam fazer do operário o ponto de apoio indispensável á revolução social.

E' necessário convencer-mo-nos que a democracia é um meio e nunca poderá ser um fim.

Os direitos do estado são absolutamente incompatíveis com os direitos do individuo na doutrina individualista democratica: só um absurdo os poderia conciliar.

Sendo um meio, não é sequer um estado de transição, é apenas um pretexto de discórdia para revolucionar e destruir.

A democracia apregoa a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas é caminho rápido para a fogueira que se ateia na Rússia desgraçada.

Que pensem os trabalhadores na sorte que os espera!

Existem no mundo inimigos da humanidade que se conjuram para a sua destruição. Depois de desorganizarem e dispensarem os trabalhadores do mundo, depois de os terem transformado de homens em miseráveis proletários querem utilizar-se deles para a ruína da civilização. E' espantosa a organização revolucionaria e espantosos são os recursos de que dispõe.

Mas Deus por certo não consentirá no seu triunfo! A ordem social Cristã que o Integralismo preconiza é a única disciplina capaz de conter a vaga vermelha da revolução, de fazer prósperas as nações e felizes os homens.

O simples agrupamento profissional daria existencia ao sindicato; da reunião dos sindicatos dos patrões, dos engenheiros, e dos operários da mesma indústria resultaria a corporação; e os delegados das corporações formariam o conselho economico municipal.

Por delegação os conselhos economicos municipais formariam os conselhos económicos regionais e estes por sua vez dariam existencia ao Conselho Superior da Economia da nação, cujas secções constituiriam os chamados conselhos técnicos do Rei, supremo incentivo da produção nacional.

A reunião das corporações tendentes a uma mesma indústria (ferro, aço, livro etc.) constituiria o chamado grupo economico, realidade cujo reconhecimento, incalculáveis vantagens traria á nação.

Só pela economia realista e tradicionalista da ordem Social Cristã, a Sociedade alcançaria, a paz e o bem estar, que os alviçareiros da revolução do continuo prometem, sem nunca realizarem.

Só por ela, — bom é que todos os saibam — alcançarão os homens a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade do triptico revolucionário!

Só o Rei, remate politico de tão perfeito edificio Social, independente de favores e de facções tornará possível a Liberdade e a Igualdade assim como só a moral cristã na observancia dos seus preceitos admiráveis, levará os homens á verdadeira fraternidade.

Desordem — dispersão — miseria — revolta — morte. — Hierarquia — prosperidade — disciplina — Vida.

Dois caminhos opostos, mas unicos.

Pertence aos operários escolher: o caminho da morte ou o caminho da vida.

Conosco está a esperança--a certeza de que escolherão osegundo.

*Antonio Maria do AMARAL PYRRATI*

# de letras

## ((CARTAS EM VERSO)) (vol. 1.º)

por ANTONIO CORREIA D'OLIVEIRA

**D**EPOIS de tantas e tam maravilhosas obras, repassadas de inspiração sublime e pura, onde a singeleza do conjunto não obsta à profundidade dos conceitos, onde as coisas pequenas e humildes da terra se engrandessem, insofladas pelo espirito divino, emanado do pensamento cristão do Poeta, Antonio Correia d'Oliveira dá-nos as suas **Cartas em Verso**, repositório epistolar, poeticamente aparelhado, cujos protagonistas — parentes e amigos — dão a nota de enternecedora intimidade, distribuida no amor do lar e no carinho dos que lhe estavam ligados pela simpatia e pelo sangue.

Como sempre, no todo, o mesmo Ideal: a Patria, a Terra, o Lar e o Céu. Palavras que não se gastam, antes encontram renovo, na pena extraordinária do Poeta, impulsionada por aquela inspiração altamente espiritualista, que estigmatiza a sua obra. Nestas **Cartas em Verso** o significado das verdades mil vezes apregoadas, assume uma característica especial, isto é, vem mais do interior, do fundo da alma, revestem-se de enfeites preciosos, extraídos do amor e da maior sinceridade que as dominam. E' o Poeta a escrever aos seus, a tratar da sua e da vida dêles, dizendo a cada missiva que segue :

Vai carta! e fala; ou calando,  
No teu calar se pressinta  
O mais que levas em alma,  
Além de papel e tinta.

Do agregado de doce harmonia, que forma o livro, trez são as cartas que particularmente sobressaem: a primeira escrita da *Montanha* onde se narra poderosamente, nas quintilhas que vamos transcrever, a viagem até à serra:

Que pena não teres vindo:  
Olhos meus como tu és...  
— Oh Milagre-português!  
Que generoso, e que lindo  
Quanto Deus por aqui fez!

Por três provincias nós fomos  
 Entre vales, rios, pontes,  
 E a Serra, enfim. Que horizontes )  
 — Verbo lusiada, aos tomos:  
 Minho, Douro, Traz-os-Montes.

Três livros da biblia inteira  
 Que é nossa terra natal ;  
 Mas, faltou-me o principal  
 De quantos são: foi a Beira,  
 «genesis» de Portugal

Lá vem o apêgo à terra da familia que

Entre pâmpanos e milhos,  
 Fecundo chão, termo e austero,  
 Anda o Senhor nos seus trilhos.  
 — Oh berço dos nossos filhos  
 Campa dos Teus que venéro !

e amavelmente, a carta da *Montanha*, termina assim :

E até volvendo infinitos  
 De terra e céu, paz e unção,  
 Direi, os olhos dirão:  
 — A minha benção, Filhitos !  
 Maria ! o meu coração.

Emotivo, muito emotivo. Não ha ninguem que, tendo um coração portuguez, não sinta o seu sêr em diapasão, ao lêr estas simples e recatadas melodias.

A segunda das cartas é dirigida a Maria Moderno — «descrente de Deus, crédula na sua Formusura e no seu triunfal doutourado em sciencias e letras» — em resposta às criticas por ela formuladas ácerca de «Verbo ser e Verbo amar».

Diz-lhe o Poeta :

O minha sabia inimiga !  
 Fosse eu igual à formiga  
 Que de zunzuns se dispensa,  
 Metia a invernos e ao chão :  
 (— Cantai, cigarras !—) e não  
 Respondera à carta imensa.

e a referir-se ao seu *positivismo* :

## POLITICA

A vida quer-se em «allegro»;  
Temor do Além? — Ponto negro,  
Surdina, gélida pausa.  
Positivismos! E o preceito:  
Lograr, aos haustos, o Efeito  
Sem volver olhos à Causa

ao conceito oscarwildeano de: Arte pela Arte, responde nestes termos:

—Arte por Arte, — eis seu grito.  
Pode o mal ser tam bonito...  
Só é beleza a escultura;  
O mais... O mais? triste ideia!  
Que importa à bilha andar cheia  
De veneno ou agua pura?

depois à sua moral:

Não é herja: é doutôra?  
Nem é cristã, como agora  
Voltou a ser figurino;  
Mas, téosofa... Potanto,  
Não tem, nem quer! nenhum santo  
Formulario do Divino.

cita Voltaire e remata nesta sextilha, admiravelmente clara:

Ha quem, segundo Voltaire.  
(Satan, às vezes, profere,  
Sentenças de agiológio...)  
Negue haver Relojociro,  
— Jurando-o, em tom verdadeiro,  
Sôbre o seu próprio relógio!

e lamenta-o

Róseo tempo, sonogado  
A ingénuo e doce noivado,  
Oração, esmola e agulha,  
Leu de mais: Não foi arroio,  
Mas dilúvio! árido joio  
Onde um trigal se esfaúlha.

Ao fechar a carta apressa-se delicadamente, a pedir perdão por

.....  
Gritar ao seu bergantim:  
— «Ao leme! que, Más Estrelas  
E sereias enganosas,  
A levam num mar de rosas,  
Sem cruz de Cristo nas velas...».

despedindo-se

.....  
Sou não mais! e Pão e Vinho  
Dum humilde póveirinho  
Da barca do Pescador.

A terceira carta — *Aza Parada* — é dirigida a «Frei Joaquim Capela, do burel de São Francisco, e Poeta que bem poderia ter sido um dos companheiros da «Legenda».

Neia confessa o seu desgosto de

Não sendo, em si mesmo, o obreiro  
Da bela coisa sonhada.  
Afinal, o Sonho é nada.  
— O trigo, posto em celeiro  
Quer forno ou terra lavrada.

Nem basta rezar a Cristo  
Fechando-o no Coração ;  
Pouco vai, se, depois de isto  
— Enxada e luz, — não é visto  
Nas obras da nossa mão.

lastima-se de não

Levar a vida formosa  
A acender o Bem e a Luz ;  
A despor o cravo e a rosa  
Sobre a Via Dolorosa  
Por onde passa Jesus.

Dos versos que se seguem, atrevo-me a discordar do Poeta, pela intenção que mostra, de fazer estacar a sua pena, em desproveito de todos nós que amamos a sua obra portuguesa e santa.

Diz êle :

Ah ! versos ? eu ? Caladinho ?  
A mais grulhei de pardal  
Tardo e chalro, neste ninho  
De rouxinóis (tão vizinho  
De abismos...) que é Portugal.

encerrando com esta quintilha maravilhosa,

E atreva-se o mundanal,  
Professo no seu carinho,  
A assinar, pelo Sinal  
Da Cruz (assim como a ignal !)  
— Frei António de Belinho.

## POLITICA

Nas outras cartas sempre o mesmo bom timbre, a mesma musicalidade suavíssima, penetrante, emotiva como nenhuma outra, em versos contemporâneos, o que nos faz crêr ser Antonio Corrêa d'Oliveira, além do maior poeta português dos tempos modernos, o cantor inclito da Raça ressuscitada, como eu tive — em unísono com os meus camaradas de Coimbra — ocasião de proclamar, na inesquecível manifestação de 23 de Maio dêste ano, na vestuta sala dos Capêlos!

Franz-Paul LANGHANS

---

# INTEGRALISMO LUSITANO

---

## Quadros da Junta Escolar de Lisboa

Comunicamos a todos os nossos camaradas e amigos que por lhes ter sido cometida outra secção dos serviços desta Junta deixaram os cargos de Administrador, Redactor e Editor da *Politica*, os nossos queridos camaradas Valentino de Sá, F. P. Dutra Faria e Antonio de Souza Rego e que para o ano lectivo corrente foram nomeados para a *Politica* e para o *Circulo de Estudos* os seguintes camaradas:

### POLITICA

*Director* — J. Centeno Castanho (F. D.)  
*Redactores* — Antonio do Amaral Pyrrait (F. D.)  
                  F. P. d'Almeida Langhans (F. D.)

*Editor* — Nicolau Monteiro (F. D.)

### CIRCULO DE ESTUDOS

*Presidente* — Fernão d'Ornelas (F. D.)  
*Vice-Presidente* — Duque Calado (F. N.)  
*Secretario* — Antonio do Amaral Pyrrait (F. D.)  
*Vogais* — F. da Cunha Leão (E. N. S.)  
                  — J. Gárcia Domingues (F. L.)

### SECÇÃO EDITORIAL

*Directores* — Valentino de Sá (F. M.)  
                  — J. Centeno Castanho (F. D.)

*A Junta Escolar de Lisboa*

# ao ritmo da ampulheta

## «RENOVAÇÃO»

Com brilhante colaboração e optimo aspecto gráfico começou a publicar-se no Porto, no passado mês de Outubro, o combativo semanário «Renovação» dirigido pelos nossos queridos camaradas Cláudio e António Corrêa d'Oliveira Guimarães. Os três números que já recebemos, trouxeram-nos a certeza do seu completo triunfo, com o qual muito lucrará o Integralismo.

Saudamos entusiasticamente, os nossos camaradas do Porto.

## PAROXISMO DA AGONIA...

Houve certo jornal lisboeta que em girandolas de foguetes e ao som do batuque perdilecto, festeja a eleição dum sr. Pinheiro, como representante da Academia portuense ao senado universitário.

Regosijamo-nos com a alegria do popularríssimo diário porque para nós tem sentido muito especial tal facto. Quando determinado ser vivo atinge o limite da sua existência, tem um momento em que as forças, depois da debilidade provocada pela doença incurável, entra em transe, parecendo que uma nova vida substitue a que se gastou...

Porfim, breve, depois d'este estrutor conhecido pelo nome de paroxismo da agonia o corpo cai para sempre, inerte, entrando em franca decomposição.

Ora este estrelecimento que vai por todos os arraiais jacobinos é o sinal do seu fim... é o seu paroxismo.

Quanto ao sr. Pinheiro, aconselhamos a que tome cuidado com o fogo, porque pode muito bem succeder, êle atear-se e estender-se por todo o pinhal.

## FLORESTA DE ENGANOS OU

## PINHAL DA AZAMBUJA

O nosso camarada Armando, de Sacadura Falcão, da Faculdade de Ciências, teve ontro dia a surpresa de ver o seu nome subcrevendo uma entusiastica carta de aplauso

à república em geral e nomeadamente a «República» do desopilante Ribeiro de Carvalho.

E' claro que o nosso camarada, arvorado com este desaforo todo, em republicano fervoroso, foi à redacção da folha pôr o caso em pratos limpos.

Assim é feita, nas urnas e nos órgãos de imprensa a massa republicana liberal.

## A GUERRA Á GRAMATICA

## OU UM MANIFESTO CONTRA

## A PRAXE

No dia da abertura das aulas da Universidade de Lisboa foi distribuida aos alunos do 1.º ano das várias faculdades um manifesto anti praxista, um manifesto imbecil, assinado por um imbeciloide qualquer da Liga dos estudantes Republicanos da Faculdade de Ciências. Insurge-se o parvo contra a praxe. Chama-lhe nomes feios. Grita-lhe invectivas. Confunde depois praxe com tradição, barafusta contra esta e termina heroicamente, anatematisando-a num *abaixo* que trescala a violencias de feira e a disparate de parlamento. Esqueceu-se porém duma coisa o insigne animalejo. E' que os estudantes republicanos protestam contra a praxe, mas fazem-na, enquanto os integralistas, que se não levantam espectacularmente contra ela em parte alguma a estão exercendo. E para provarmos a nossa afirmação, basta dizermos que na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa — onde, como se sabe, os integralistas dominam — nem sombra do praxe se encontra.

No entanto, isso não impediu um quarantista republicano d'essa faculdade de chamar à sua presença um aluno do 1.º ano, a quem insultou sem motivo — talvez por sus peitar que o insultado era integralista — terminando por inquirir da sua politica e por procurar trazer-lo pela coacção às baixas superstições democraticas, apañágio da quanto estupidosinho enxameia por este Universidade.

# ao ritmo da ampulheta

## MUITO BEM CAÇADO...

De «O Povo» do sr. Nuno Rodrigues dos Santos:

«Se a tolerancia é a base da ordem e sem tolerancia não pode haver ordem: se a Democracia defende a Tolerancia... Querem ver que a Democracia ataca a Ordem?...

«Que é silogístico, é racional, é intuitivo. «Todos os Pedros são bons: eu tenho um amigo chamado Pedro. O que é este meu amigo, bom ou mau? E se calhar o reaccionário depois de pensar um pouco, confessa considerar o meu amigo mau.

Todos os exploradores do «Povo» são burros. O sr. Rodrigues dos Santos é colaborador do «Povo». Logo o sr. Rodrigues dos Santos é burro.

Isto é *silogístico, é racional, é intuitivo*... Quanto a ser mau como o Pedro, não é, lá isso não. Vale até um dinheirão.

Riquíssimo patarata!

Ah, é verdade! Esqueçiamo-nos, Esperem lá... O «Povo» a certa altura chama ao sr. Nuno Rodrigues dos Santos *novo cheio de talento*...

Ah!...

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

António Correia de Oliveira — quintanista de letras por aciação dos estudantes de Coimbra — CARTAS EM VERSO (1.º volume). Edição do Autor. Companhia Editora do Minho, Barcelos — 1930.

Fausto José — PLANALTO. Composto e impresso nas oficinas da «Atlantida» — Coimbra — 1930.

Conde de Aurora — A IMPRENSA AO SERVIÇO DO REINADO SOCIAL DO CORAÇÃO DE JESUS — Edição do Autor. Tip. Av. Guimarães. Ponte do Lima — 1930.

BROTÉRIA, -- Série mensal Fé, Ciências e Letras — V XI — Fase. V — Novembro de 1930.

REINADO SOCIAL DO CORAÇÃO DE JESUS — Números de Agosto e Setembro de 1930.

Ao glorioso poeta do «VERBO SER E

VERBO AMAR» e a Fausto José novo, esperança dos novos, os nossos agradecimentos sinceros pelo oferta dos seus livros, cuja apreciação guardamos para breve.

## A MAIOR APOLOGIA

Nos meios políticos de toda a Europa comenta-se extraordinariamente a maioria de do arquiduaço Otto, herdeiro da coroa de Santo Estevão.

E à medida que a proveniencia dos ditos comentários se torna mais esquerdista, maior é o temor, maior é o medo, maior é a preocupação que um jovem príncipe de dezoito an os ascenda ao trono que lhe pertence, e porquê? Santo Deus... porque pode transformar um povo fragmentado e enfraquecido num Império unido e forte, numa potencia predominante...

Ora aqui está como a realza encontra nos seus adversários, a maior apologia!

## JORNAIS:

- A Voz dos Combatentes* — Coimbra.
- Distrito da Guarda* — Guarda.
- Nova Guarda* — Luanda.
- O Obidense* — Obidos.
- A Folha do Sul* — Nontemór-o-Novo.
- União Nacional* — Leiria.
- A Voz da Comarca* — Lousã.
- O Concelho da Murtosa* — Murtosa.
- O Ponney* — Coimbra.
- A Vida Ribatejana* — Vila Franca.

## CABRAL SACADURA

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos  
Partos — Sífilis

CONSULTAS

Largo José Fontana, 12-2.º (às 16 horas)

## DR. MARIO CARDIA

Médico dos Hospitais

Doenças das senhoras.  
Partos. Cirurgia

Tratamentos pelo rádio e electricidade  
AVENIDA DOS ALIADOS, 41, 1.º — PORTO  
— TELEPHONE 4907 —

## MIRA DA SILVA

■ ■ MÉDICO ■ ■

Avenida Almirante Reis, 57-A, 1.º

— LISBOA —

## DR. COSTA FELIX

Interno de Cirurgia dos Hospitais Cívicos  
CONSULTAS

LISBOA: Rua 16 de Outubro, 33 — Tel. C. 2630

A's 14 horas

DÁFUNDO: R. Paulo Duque

A's 17,30 horas

# Não há CAFÉ como o de

A

P  
A  
U  
L  
I  
S  
T  
A  
N  
A

A' venda no

Largo de S. Domingos, 12 e na  
Av. F. Pereira de Melo, 52, 52-B

# CASA

DOS

## PANOS

### 1.ª casa da especialidade

Sortimento completo em

Panos brancos e Linhos  
Tecidos de côr para roupa  
de Senhora  
Sarjas brancas, Sarjões  
crús, etc.

Serviço rápido de amostras para

PROVINCIA e ILHAS

Esquina da Rua de S. Julião  
45, R. dos Fanqueiros, 49

## AFONSO LUCAS

ADVOGDO

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

TELEPHONE C. 642

..... LISBOA .....

## Martinho Nobre de Melo

ADVOGADO

Rua de Santa Justa, 82, 2.º

Telefone Norte 4952

..... LISBOA .....

## A. Nunes e Silva

Advogado

TELEPHONE CENTRAL 642

Rua Arco Bandeira, 70, 2.º

— LISBOA —

## Dr. Amaral Pyrrait

MÉDICO

Consultório — Rua Anchieta

..... LISBOA .....

